

ENFERMEIRAS(OS) DE UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA DE ANÁPOLIS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES COTIDIANAS DE TRABALHO

NURSES IN INTENSIVE CARE UNITS OF ANÁPOLIS: A STUDY ON EVERYDAY WORK RELATIONS

Verônica Alcântara Cardoso Duarte Oliveira¹
Maria Fernandes Gomide Dutra e Silva²

Resumo

Os profissionais de enfermagem que trabalham em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) são frequentemente expostos(os) a estressores no local de trabalho, que podem afetar sua saúde mental e física. Junto com a trajetória de vida pessoal e profissional, o ambiente de trabalho afeta diretamente a realidade de cuidados. O objetivo desse estudo foi investigar o universo laboral desses profissionais a partir de variáveis como jornada de trabalho, função, salário, carreira profissional, sindicalização, relações interprofissionais, trajetória de vida e profissional, a concepção de “cuidado” e a divisão de trabalho entre homens e mulheres. Para isso, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, utilizando-se como estratégia de produção de dados entrevistas com sete enfermeiras e um enfermeiro, com duração média de 40 minutos, à distância, utilizando-se tecnologias como Zoom e Google Meet, organizadas a partir de um roteiro semiestruturado. Evidenciou-se que a maioria apresentou imenso desejo de servir e cuidar do próximo. Todas(os) as(os) entrevistadas(os) afirmaram que na época em que realizaram sua formação havia muito mais mulheres do que homens no curso. Além disso, grande parte afirmou possuir mais de um local de trabalho, sobretudo pela justificativa da baixa remuneração na área e afirmaram uma série de problemas físicos e emocionais relacionados ao trabalho. A falta de insumos e de funcionários nos hospitais e a má qualificação de parte da equipe profissional se encontram como outros desafios enfrentados. Conclui-se, assim, que enfermagem é uma profissão ainda negligenciada, com imensa divisão sexual do trabalho, desafios intensificados durante a pandemia de COVID-19.

Palavras-Chave: Cuidados de enfermagem. Unidades de Terapia Intensiva. Sociologia do trabalho. Desafios no cotidiano.

1. Introdução

A qualidade do cuidado profissional é uma questão importante no sistema de saúde e a Sociologia do *care* pode ser ampliada levando-se em consideração a perspectiva dos trabalhadores. Partindo de um conceito complexo e multidimensional, a avaliação da qualidade dos serviços sugere incluir questões técnicas e sociais do cuidado, bem como a percepção dos próprios profissionais sobre o conceito (FIABANE *et al.*, 2019). Diante de práticas intervencionistas e tecnicistas de grande parte de categorias profissionais em saúde, a Enfermagem, fundamentada no cuidado, se vê ainda

¹ Medicina, Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA, Brasil. veronicaacdo@hotmail.com

² Mestre em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Brasil. Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA, Brasil. mariagomide@hotmail.com

em situação de desvalorização. A tentativa de se resgatar o significado do “cuidar” significa, portanto, recuperar ou reconstruir sua autonomia profissional (BUENO; QUEIROZ, 2006). A necessidade de um olhar criterioso sobre trabalhadores da área da saúde e do cotidiano de enfermeiras e enfermeiros se deve, então, ao fato de que o processo de cuidar de outras pessoas exige atenção sobre sua própria saúde. A grande carga horária realizada pelos empregadores, a permanência de hierarquias rígidas no espaço de trabalho e muitas vezes o esgotamento por seguidos plantões noturnos, que agem como um estressor na vida dessas pessoas, além de afetarem suas relações com os pacientes e a qualidade do cuidado no processo saúde-doença, prejudicam suas relações sociais fora do trabalho.

2. Objetivo

O objetivo do artigo foi, de modo específico, investigar o universo laboral de enfermeiras e enfermeiros atuantes ou que atuaram recentemente em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) na cidade de Anápolis, Goiás. De modo específico, buscou-se observar variáveis como jornada de trabalho, função, salário, carreira profissional, sindicalização, relações interprofissionais, emoções no trabalho, trajetória de vida e profissional, concepção de “cuidado”, divisão de trabalho, possibilitando diálogos com estudos de gênero.

3. Método

O estudo, de abordagem qualitativa, foi realizado entre 2020 e 2021 e fundamentou-se na Sociologia da Saúde e na Sociologia das emoções. A pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil com número de registro 41300620.5.0000.5076 e analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Evangélica de Goiás, com parecer favorável nº 4.583.901. Foram realizadas entrevistas de profundidade, organizadas a partir de um roteiro semiestruturado e a quantidade foi definida a partir do princípio de saturação de informações. Foram utilizados nomes fictícios, com o objetivo de se preservar a identidade das participantes. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE foi apresentado previamente, garantindo-lhes informações sobre a pesquisa e seu anonimato.

4. Resultados

Foram entrevistadas(os) sete enfermeiras e um enfermeiro. Primeiramente, destacaram-se as narrativas de justificativa sobre a escolha da profissão, somando o desejo de servir e cuidar do próximo e a influência de familiares que também atuavam na área da saúde. Em relação à caracterização do curso de enfermagem, ainda prevalece uma maioria feminina (LOPES; LEAL, 2005), o que pode ter justificado a dificuldade de se entrevistar enfermeiros. A maior parte das(os) entrevistadas(os) afirmou possuir mais de um local de trabalho, sobretudo pela justificativa da baixa remuneração que, somada a condições inadequadas e vínculos empregatícios instáveis, acabaram resultando em desânimo, desgaste físico e emocional, com possível redução da qualidade da assistência prestada (SILVA *et al*, 2006). Muitas relataram jornadas duplas e triplas de trabalho, revezando atuação em hospitais e em plantões noturnos em UTIs e problemas como a falta de insumos e de funcionários. Em relação ao trabalho emocional (HIRATA, 2016), há relatos de cansaço acumulado, intensificado pelas responsabilidades com os afazeres domésticos. A maioria declarou ser a principal responsável pela sua realização ou administração, mesmo na presença de outros integrantes como marido, filhos e irmãos. Diante do cenário de pandemia de COVID-19, profissionais da saúde foram duramente afetados. O colapso do sistema de saúde no Brasil abalou inúmeras variáveis do mundo do trabalho, desde a rotina de integrantes de equipes de assistência até sua gestão emocional na relação com amigos e familiares. Grande parte relata uma ampliação considerável da sobrecarga em relação a momentos anteriores.

5. Conclusão

A concepção da enfermagem como atividade feminina relaciona-se com sua origem nas ordens sacras e da identificação do cuidado doméstico como função da mulher-mãe. Integrada a um sistema de divisão sexual do trabalho, é submetida a situações de preconceito e desvalorização. A precarização do trabalho mostra-se presente ao ser evidenciada a baixa remuneração, a falta de insumos e materiais básicos dentro das UTIs e a falta de valorização diante da equipe. A enfermagem, portanto, ainda pode ser considerada como uma profissão negligenciada e exaustiva. Seus obstáculos, acentuados durante a pandemia de COVID-19, dificultam a humanização e demandam imenso trabalho emocional das(os) enfermeiras(os) dentro das UTIs, trazendo fadiga e redução da qualidade do cuidado.

Referências

BUENO, F. M. G.; QUEIROZ, M. S. O enfermeiro e a construção da autonomia profissional no processo de cuidar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p. 222-227, 2006.

DIAMANTINO, R. M.; GONDIM, S. M. G. Regulação emocional e trabalho emocional no atendimento aos usuários de unidades do SUS na Bahia. 2017.

FIABANE, E. *et al.* Emotional dissonance and exhaustion among healthcare professionals: the role of the perceived quality of care. **International journal of occupational medicine and environmental health**, v. 32, n. 6, p. 841-851, 2019.

HIRATA, H. O trabalho de cuidado. **Sur: revista internacional de direitos humanos, São Paulo**, v. 13, p. 53-64, 2016.

LOPES, M. J. M.; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos pagu**, n. 24, p. 105-125, 2005.

SILVA, B. M. *et al.* Jornada de trabalho: fator que interfere na qualidade da assistência de enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 442-448, 2006.